



Director literario:

Arzobispo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

J. Soares
PAPUSSE

AS MENINAS DO ASILO



POR

Graciette Branco

Desenhos de

EDUARDO MALTA

DA rua vem um ruído,
pelas janelas,
que entrando
faz com que cheguem a elas
os habitantes das casas
daquele burgo escondido...

...Brando rumôr recordando
Compassado bater de âsas...

Agua da fonte cantando...
luz palpitando
nas brasas!...

Vai passando... vai passando...
muito brando:
tic-tic-tic-tic...

—¿ Que é aquilo? Que é aquilo?... —

(põnho-me então a scismar!)
— São as meninas do Asilo
que vão na rua a passar!

Pequerruchinhas
à frente,
mais atrás
as crescidinhas.
— cabelo rente,
à rapaz! —

Coitadinhas! Coitadinhas!

Tic-tic, — braço dado,
loiras, de rosto rosado,
morenas, trigueiro o rosto!
Numas o olhar é Sol-pósto,
nas outras, Sol a viver!

Tic-tic... —
(melhor fóra
não chegarem a nascer!!)

Tic-tic... — muito embora!
Todos têm

a sua Mãe!

A Virgem Nossa Senhora
é Mamã delas também!

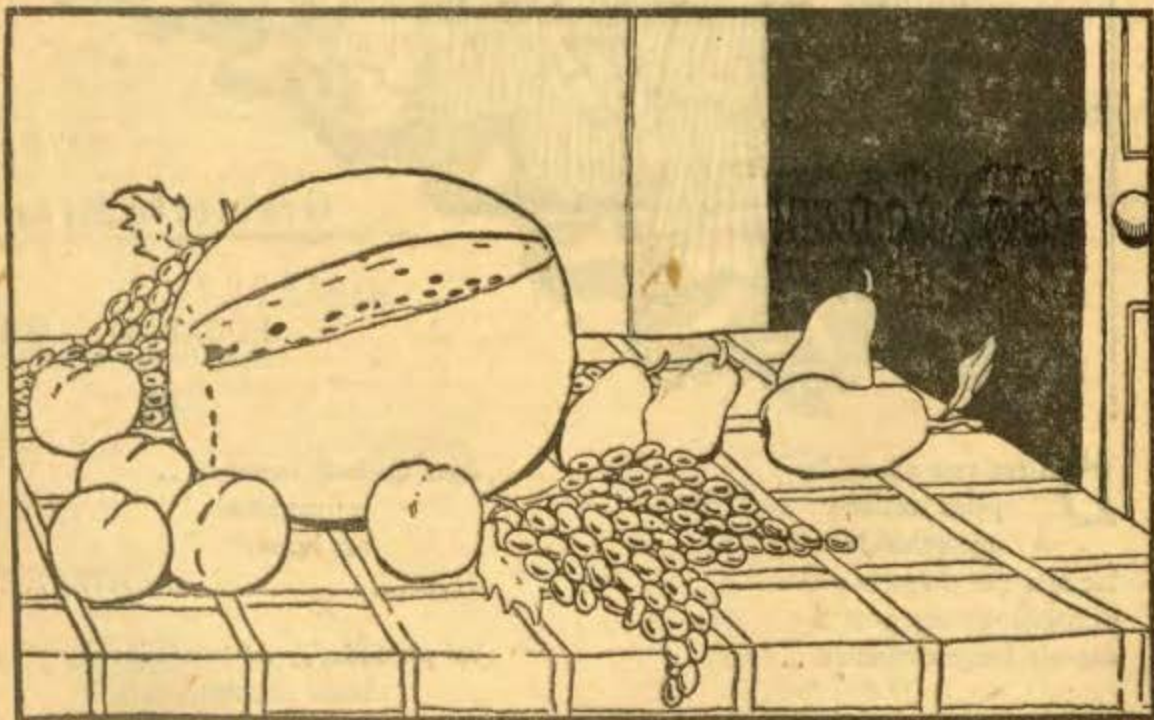
... Tic-tic... — lá se vão,
em grupinhos
formadinhos,
lembrando
os engraçadinhos
soldadinhos
de cartão!...
— Ou então
um lindo bando,
tic-tic, de rosadas,
lindas fadas
de condão...

Sem toleima ou arrebique,
rua fóra
sem demora,

.....
Tic-tic-tic-tic...
Tic-tic-tic-tic...

F I M

Para os meninos colorirem



As aves teem coração

Por ALDA LAVOS

Desenho de ED. MALTA



ABE avôzinho, o que eu gostava mais... bem mais ainda que o «kodak» que a mamã me prometeu?

Era... sim... era uma espingarda, como a do Necas, o filho do dr. Santos...

Ontem, fui com ele à mata; o que nós nos divertimos, avô!

O Necas já sabe caçar; matou um rouxinol, um outro passarito e até uma linda cotovia, mas... dessa tive eu pena: ao

cair, ainda vinha viva e na minha mão é que morreu!

Mas gostei, gostei de ver caçar.

Lembrei-me que, se eu fizer o meu exame com distinção, o papá, se o avôzinho lhe disser... que eu gosto... me dará uma espingarda, também.

Isto dizia o Pedrinho, aquele bom e amável pequeno, incapaz de fazer mal a uma mosca, mas, no entusiasmo de obter uma espingarda, nem sequer pensava no mal que com ela cometeria.

Sentado em frente dele, numa confortável cadeira de braços, já velhinho, cabelos de néve, mas ar de bondade infinita a pairar no fundo amortecido do seu olhar velado, o avô ouvia...

E o petiz falava... falava...

Uma espingardinha; que sonho lindo, Deus meu!

Notando, porém, o silêncio do avô, do avô tão seu amigo, do avô sempre pronto a ouvi-lo, a ensiná-lo, a desculpar-lhe as suas garotices, inquiriu: «o que diz à minha idéa, vovô?»

«Olha, meu filho, — diz ele, — tu eras muito amigo da Leninha, não é verdade?»

Quando ela, há um mês, morreu, quando a viste estendida no seu caixãozinho branco, lívida, os olhos fechados que nunca mais verias, fechada a boquinha que nunca mais te sorriria, morta, ali, a tua irmãzinha, não é certo que do fundo do teu coração se elevou uma onda de dor, onda de sofrimento infinito, que cavou fundo na tua alma e que nunca mais te esquecerá?

Viverás, filho.

Chegarás a ser velhinho como eu, talvez; os teus lindos cabelos louros, chegarão como os meus, a ter da neve a brancura mas nunca, por mais que vivas, te esquecerão aquelas horas de dor.

Pois bem; criaram-se no mesmo ninho, ao calor das mesmas asas, quatro lindos rouxinóis...

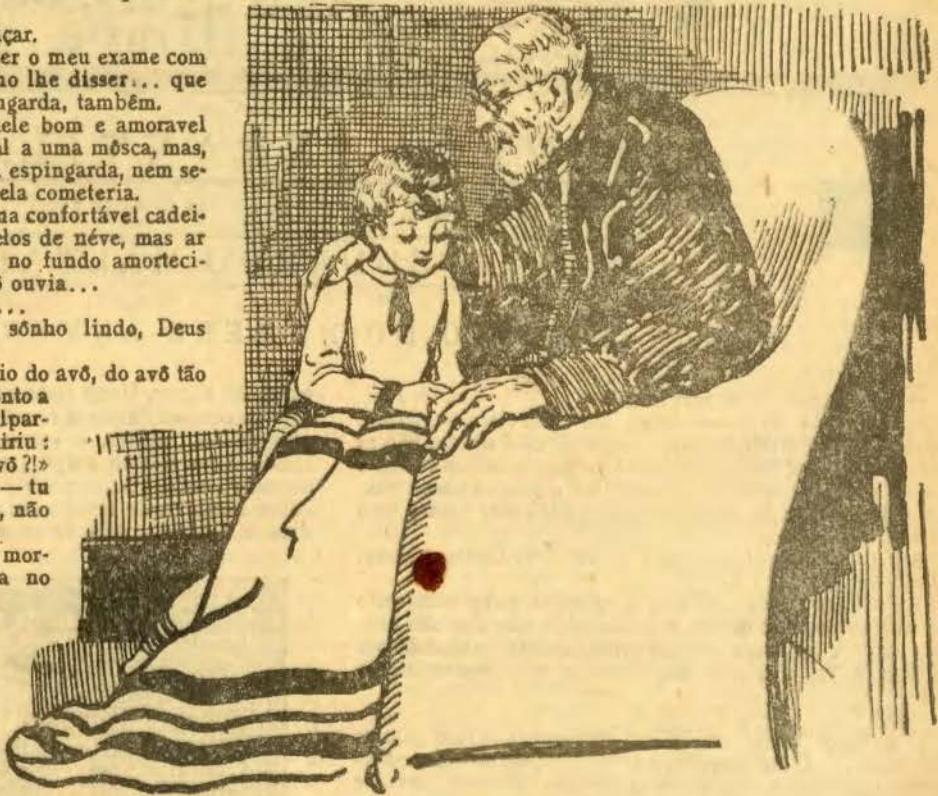
O sol quando nasceu, o sol que é lâmpada de Deus, aqueceu e iluminou, com o mesmo carinho, o berço da tua irmãzinha e o ninho dos rouxinóis, e à noite, a lua ao erguer-se, na mesma luz doce, envolveu tanto o ninho como o berço.

Deus não fez distinção, entre o anjinho da Lena e os rouxinóis pequeninos...

Tu calculas lá, Pedrito, quanto trabalho, quantos cuidados, quantas cansaças não custam os ninhos às avezinhas!!!...

Quanto amor elas põem em criar os seus filhinhos!...

E vinhas tu, meu filho, alegremente, pum... um tiro... um ninho desfeito, uma família morta...



Não, uma espingarda, não!

Sê na vida o melhor possível e quando vires um ninho respeita-o, que um ninho é um lar.

Não mates os passarinhos, lembra-te que os pais e os irmãos deles sofrem como tu, são, como tu, filhos de Deus e, como tu, teem coração.

E agora, que te vejo tão comovido, dá cá um beijo e não penses na espingarda.

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

VII VOLUME

«OS MEUS CONTOS»

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

VII VOLUME

«BÉBÉS DE BIBE E BABETTE»

Por GRACIETTE BRANCO

Profusamente ilustrados por EDUARDO MALTA

=

Pedidos à nossa Administração



A CASA-MALDITA

OU O FARRUSCO o limpa chaminés

: NOVELA INFANTIL:

: Por MARIA ROSA RÊSÉDÁ:

: Desenhos de EDUARDO MALTA:

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

— Não queres levar uma arma?

— Guardado no bolso tenho um canivete, um pavio e fósforos e ao ombro trago a corda do meu ofício. São as únicas armas que levo, retorquiu o limpa-chaminés risonho.

— O quê? Atresves-te a ir sem luz nenhuma! Sim, porque esse pavio não alumia quasi nada. Mas isso é uma grande imprudência!

— Então todos aqueles que lá iam ficar levavam luzes, senhor Rei?!

— Pois com certeza. Se não fôsse assim, podes estar certo que não punham' lá os pés. A's escuras é que eles não ficavam, cê. A casa era sempre profusamente iluminada por archotes e velas, o que não impedia que tremessem de medo.

— Ah!...

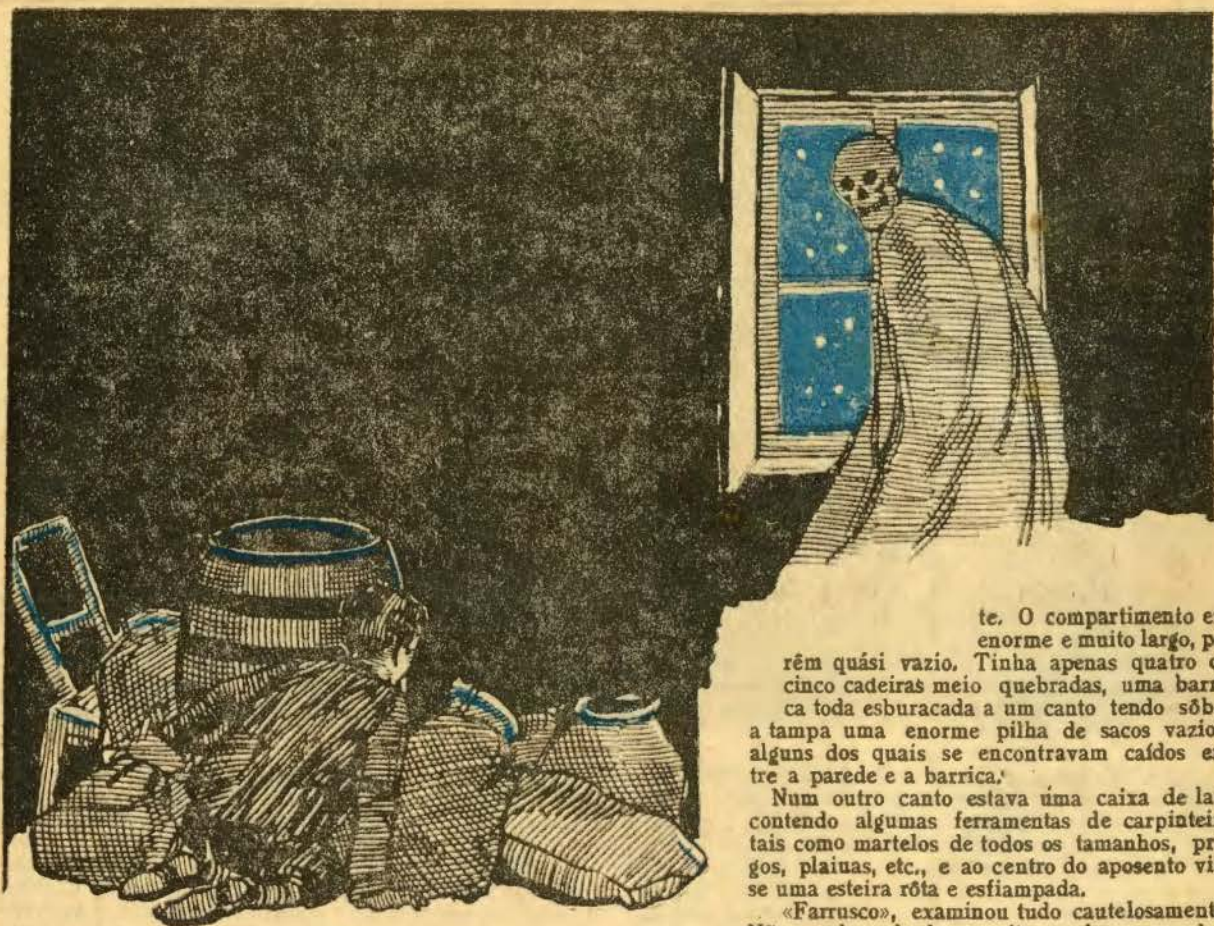
«Farrusco» nada mais disse, mas os seus olhos gata-riam, riam... O Rei, seguindo as instruções do limpa-chaminés, representou a comédia muito bem. Abriu a porta de repelão, chamou o seu oficial às ordens e os gria-dos, e, trémulo de cólera mostrando a todos os riscos negros que «Farrusco» lhe fizera, ordenou que puzessem na rua aquele insolente. Regozijado, o mordomo não quiz que outrem cumprisse a ordem do Rei. Ele próprio agarrou brutalmente o limpa chaminés, levando-o de rastos pela escadaria abaixo. Depois sacudiu-o furiosamente e, largando-o de repente, ferrou-lhe dois valentes pontapés no trazeiro e tão fortes foram eles, que o pobre «Farrusco» caiu estatelado no meio da rua. Ergueu-se dorido, e, cerrando os punhos num gesto de ameaça, mostrou-os ao mordomo que encostado ao portão, ria estrondosamente. Coxeadando, o limpa chaminés afastou-se lentamente, desaparecendo em breve numa esquina.

III

Toda esburacada, sem vidros, nem portas de dentro, as paredes cheias de fendas, situada numa rua estreita e suja, a Casa Misteriosa erguia-se soturna e sombria, envolta num denso véu de mistério. Espalhados pela fachada, viam-se inúmeros desenhos muitíssimo bem feitos representando

caras de velhas. Umaz faziam horri-veis caretas, outras com a bôca desmedidamente aberta, desprovida de dentes, torciam-se em esgares, e outras ainda pareciam sorrir com ironia e ao mesmo tempo gargalhar sinistramente. O autor de tais desenhos ninguém sabia quem era. Havi am aparecido súbitamente uma manhã aos olhos do povo, que surpreendido e aterrado, pois tinha a certeza que na véspera eles





não existiam, nunca mais se atrevera a passar por aquele sítio amaldiçoado. Algumas pessoas mais supersticiosas e crédulas, afiançavam que quem uma só vez olhasse para aquelas caras horrendas as maiores desgraças lhes cairiam em cima e a sua alma ficava em poder do demónio para sempre. Por isso as outras casas situadas na mesma rua haviam sido abandonadas pelos seus moradores, na sua maioria gente humilde, apavorados com os ruidos sinistros que partiam constantemente da Casa Misteriosa.

Protegido pelas sombras da noite, um pequenino vulto caminhava mansamente cozido com as paredes e, de quando em vez, parava, apurando o ouvido. Depois, continuava de novo a marcha interrompida. Era o nosso «Farrusco» que se dirigia afoito à Casa Misteriosa, resolvido a todo o transe a descobrir o que lá se passava.

Após a expulsão do palácio, entablara conversa com um simpático velhote franco e tagarela e, disfarçadamente, encaminhara a palestra para o assunto que tanto desejava. O velho, cujo maior prazer era «dar à língua», satisfeito e lisongeador por ter um ouvinte tão amável e atencioso, e tendo, por um feliz acaso, habitado em tempos na Casa Maldita, contou tudo o que sabia acerca dela. «Farrusco» conseguira saber como era a casa por dentro, quantas dependências tinha e que os ruidos e as «almas do outro mundo» só apareciam num quarto muito grande, cuja ampla janela deitava para o lado da frente.

Gravara bem na memória todos aqueles pormenores que o auxiliariam bastante. Chegado em frente da Casa Misteriosa parou, escutando de novo. A porta estava apenas entreaberta, mas «Farrusco» com receio que ela rangesse, deixou-a ficar assim. Como era pequeno e franzino, facilmente a transpôs sem lhe tocar. Lá dentro a escuridão era completa; «Farrusco» sabendo que havia ali uma escada, foi tateando até a encontrar. Chegando ao cimo parou para se orientar. Embora não lhe conviesse, não teve outro remédio senão acender o pavio. A luz pequenina e frouxa «Farrusco» distinguiu duas portas: uma à direita e a outra à esquerda; ambas se encontravam abertas. Sem hesitar penetrou no quarto da direita, conforme lhe havia dito o velho-

te. O compartimento era enorme e muito largo, porém quasi vazio. Tinha apenas quatro ou cinco cadeiras meio quebradas, uma barrica toda esburacada a um canto tendo sobre a tampa uma enorme pilha de sacos vazios, alguns dos quais se encontravam caídos entre a parede e a barrica.

Num outro canto estava uma caixa de lata contendo algumas ferramentas de carpinteiro tais como martelos de todos os tamanhos, pregos, plainas, etc., e ao centro do aposento via-se uma esteira róta e esfiampada.

«Farrusco», examinou tudo cautelosamente. Não vendo nada de suspeito, resolveu esconder-se, problema assás difícil pois o quarto não oferecia esconderijo algum a não ser a barrica, mas esse não era de molde a satisfazer «Farrusco» que não o achava bem seguro.

Maquinalmente os seus olhos fixaram-se no pequeníssimo intervalo que ia da parede à barrica e logo uma ideia lhe acudiu. Com um pouco de custo, encolhendo-se o mais possível, conseguiu encaixar-se ali e, cobrindo-se com as sacas que encontrara caídas, apagou a luz e esperou febrilmente pelos acontecimentos.

Ninguém suspeitaria que naquele canto exíguo, estava escondida uma pessoa pois, além de um homem não se poder ocultar naquele espaço tão pequeno, as sacas disfarçavam perfeitamente «Farrusco».

O silêncio era completo, tão completo que o limpa-chaminés «ouvira o silêncio». Na torre da igreja próxima ressoaram lentas e vibrantes as doze badaladas. Meia noite! A hora fatal, a hora dos mistérios!... De súbito, mal acabara de ressoar a última badalada, três pancadas fortes e sonoras se ouviram no quarto. «Farrusco» estremeceu. Como se aquelas pancadas fossem um sinal, imediatamente se seguiram ruidos estranhos. Primeiro era um barulho de portas batendo, o arrastar de correntes, silvos e assobios que pareciam de serpentes; depois os ruidos começaram a aumentar e, em breve, só se ouviam gritos aflitivos, gemidos de dor, guinchos agudos, vozes clamando socorro, outras pedindo misericórdia. Misturados com a dor e o sofrimento, soltavam-se gargalhadas estridulas, casquinadas de riso, enfim, todas as demonstrações de alegria e regosijo possíveis e imagináveis que logo eram abafadas pelos lamentos, gritos e o estertor dos moribundos, cada vez maiores e mais aflitivos. Era um verdadeiro inferno.

«Farrusco», muito encolhido no seu esconderijo, tremia como varas verdes. Sentia-se impressionadíssimo porque todos aqueles ruidos, pareciam vir do próprio quarto e ele sabia perfeitamente que não estava ali mais ninguém senão ele, «Farrusco» e por isso já não duvidava que fosse tudo sobrenatural. Dos vivos não tinha receio, mas dos mortos...

Percebendo que o medo começava a invadi-lo, fez um violento esforço para reagir, para o expulsar, mas não o



conseguiu. Era superior às suas forças de criança. Então, todas as histórias de duendes, lobishomeas, espíritos, etc., contadas pela avó aos grandes serões de inverno, à lareira, e que ela afirmava existirem, mas de que ele tanta troça fazia pois não acreditava em «semelhantes disparates» segundo a sua expressão, principiaram a acudir-lhe à memória, a infiltrar-se no cérebro como verdades apavorantes. Estava de tal modo possuído pelo terror, que, de repente, pareceu-lhe ver uma forma branca junto da janela. Não, não; não se enganava. Era bem um fantasma, distinguia-lhe perfeitamente o rosto descarnado; no lugar dos olhos tinha apenas dois profundos e horríveis buracos, no sítio do nariz outro também medonho, e a boca não existia. O que mais o impressionava, porém, eram os dentes longos e pontiagudos, que rangiam sinistramente. A juntar-se a aquele espectro foram aparecendo outros, muitos outros, todos rangendo os dentes e, em breve, o quarto ficou cheio deles. Silenciosamente principiaram a dançar, primeiro devagar, depois depressa, muito depressa. Pareciam doidos. Redoçavam sobre si mesmo, davam saltos enormes, depois juntavam as mãos que eram apenas ossos e batendo uma contra a outra produziam um som semelhante ao das castanholas e dançavam então com mais sossego. De súbito estacaram e, durante um momento, pairaram imóveis no espaço. Depois, lentamente, foram-se aproximando do sítio onde se encontrava «Farrusco».

O pobre rapaz estava lívido, um suor frio escorria-lhe pela testa e tremia de tal maneira que os dentes se entrecrocavam violentamente. Um único pensamento o dominava agora: fugir, sair dali depressa, desatar a correr, a correr e só parar muito longe na sua aldeia pequenina, refugiar-se junto da avó, e onde os fantasmas não se atreveriam a perseguir-lo, pois, se o fizessem, ela os havia de expulsar, espargindo água benta. Fez um esforço para se levantar, mas sentiu tamanho peso nas pernas e no corpo que desistiu. Entretanto, os espectros cada vez estavam mais próximos dele.

O limpa-chaminés quis gritar mas o terror paralisou-lhe a voz. Febrilmente procurou nos bolsos os ísforos e o pavio pois podia ser que a luz os «afugentasse», porém as mãos tremiam-lhe tanto que não conseguiu encontrá-los. E então, para não ver mais os espectros fechou os olhos e pôs-se a rezar. Não posso deixar de dizer aos meus leitorzinhos que os fantasmas só existiam na imaginação de «Farrusco», mas o terror era tal que ele imaginava vê-los. Esteve assim de olhos fechados alguns minutos.

Quando, por fim, os abriu e olhou, cheio de receio, para a janela, já não viu as formas brancas, mas sim uma mancha escura polvilhada de pontinhos dourados, scintilantes como lanterna: Era um pedaço do céu atapejado de estrê-

las. Mais tranqüilo, «Farrusco» mergulhou avidamente os olhos no firmamento e aquela contemplação benéfica teve o condão de lhe dissipar completamente as imagens aterradoras que lhe povoavam a imaginação.

Todavia os gritos, os gemidos, as gargalhadas, etc., continuavam a ouvir-se cada vez com mais intensidade; porém, o limpa-chaminés parecia não recear já os ruídos misteriosos: pois se ele se sentia protegido por aquele bocadinho do céu!... Tinha quasi a certeza que, se fizesse um sinal, as estrelas, tão lindas, correriam logo o seu auxílio...

O relógio da igreja, bateu a meia noite e meia hora. Sobressaltado aos gritos, ouviram-se novamente as três pancadas fortes e sonoras e, após elas, como por encanto, todo o barulho cessou. O silêncio reinava de novo na casa misteriosa. «Farrusco», embora desconfiado com tão súbito silêncio, resolveu principiar as suas investigações. Farto de estar há tanto tempo na mesma posição, deveras incômoda, estirou-se, muito consolado, e esfregou repetidas vezes as pernas dormentes.

Acabada a massagem meteu a mão no bolso direito do casaco e, como o terror o não dominava já, encontrou logo o pavio e os ísforos.

Disponha-se a acendê-lo quando, de repente, ouviu um pequeno ruído. Imediatamente se cobriu com as sacas e esperou ansiosamente. O barulho parecia vir do interior do sobrado e aumentava consideravelmente. De súbito um ruído mais forte ressoou no próprio quarto e logo a seguir brilhou uma luz no meio do aposento. «Farrusco» viu tudo o que se passava, sem se descobrir, pelos buracos da barrica. Agora já não tinha medo, sorria até satisfeito: pudera, se era o que ele esperava...

No meio do quarto, encontrava-se um alçapão aberto. A esteira, como os meus leitores decerto adivinharam, servia para encobri-lo. Surgiu uma cabeça, depois um braço segurando uma lanterna, seguindo-se o resto do corpo. Era um homem. Erguendo a lanterna à altura da cabeça, projectou-a por todos os lados do quarto e depois bradou para o interior do alçapão:

— Podem, subir, sem receio, rapazes! já ninguém se atreve a pernoitar na Casa Misteriosa.

Momentos passados, estavam reunidos, em volta do alçapão, quinze homens de rostos patibulares e olhares ferozes. Debaixo do braço, traziam todos um embrulho negro.

— Porque não vem o chefe! inquiriu um deles.

Como resposta, uns passos se ouviram subindo a escada do alçapão e, instantes depois, aparecia o chefe da quadrilha.

O limpa-chaminés, dando com os olhos nele, a custo reprimiu um grito de estupefacção. Era um homenzinho, pouco mais ao menos, por metade da sua altura com o tronco

muito grosso e os braços e as pernas muito curtas. A cabeça quasi careca, deformada, era enorme, descomunal. Os olhos redondos e pequeninos despediam fulgores estranhos. Cobria-lhe o queixo uma pèra rúiva, muito comprida e pontaguda, salpicada de pêlos brancos. A' volta da cintura trazia um cinto de coiro amarelo guarnecido de pequeninos compartimentos feitos com o mesmo coiro. Num desses escaninhos estava metido um punhal em cujo cabo se via um triângulo e, no meio dèle, um minúsculo punhal gotejando sangue. A estranha personagem, tão antipática e nojenta, era um anão. «Farrusco», muito interessado, continha a respiração o mais que podia.

— Então agora já nos deixam o campo livre... » exclamou o chefe, esfregando as mãos, de contente.

Em todo o caso, por precaução, será bom fazer todas as noites um bocadinho de «música» que tão bons resultados nos tem dado. Não devemos deixar fugir as «almas do outro mundo» pois convém que esta habitação continue a ser chamada a Casa Misteriosa ou Maldita. Senão estamos servidos!... O oitão que vá revistar aquela barrica porque todo o cuidado é pouco.

Pode-se calcular a aflicção de «Farrusco» quando viu o bandido assim designado acercar-se da barrica. Se fôsse descoberto... era uma vez um limpa-chaminés... Davam cabo dèle, com certeza.

Tal não aconteceu, porém. O bandido, deu um violento encontrão à pilha das sacas que foi cair toda em cima de «Farrusco»; levantou a tampa, espreitou para dentro e, deixando-a cair de novo, voltou para o seu lugar, sem se dar ao trabalho de apanhar as sacas.

— Nada temos a reccear, chefe. Podemos conversar à vontade.

— Bem. Primeiro enverguem os fatos das «operações» e depois falaremos.

Os facinoras obedeceram prontamente. Desembrulharam o embrulho negro que traziam debaixo do braço e, rapidamente, vestiram uma espécie de dominó, cujo capuz, muito alto, lhes cobria a cabeça por completo.

Taparam os rostos com máscaras negras e, por último, enfiaram umas luvas da mesma cor. Assim, todos de negro, metiam pavor. Apenas uma mancha clara, mas sinistra também, animava um pouco aquele conjunto. Pregado

no centro do peito, traziam um grande bocado de pano branco e pintado nêle destacava-se um triângulo negro e um punhal cheio de sangue.

Quando acabaram de se arranjar, foram postar-se em frente do anão e, erguendo o braço direito em cuja mão brilhava a lâmina de um punhal tendo no cabo o mesmo distintivo que traziam ao peito, esperaram humildes, as últimas ordens do chefe:

— O «trabalho» que hoje vão fazer, disse êle gravemente, é o mais perigoso e difícil de quanto até aqui têm feito.

Procedam, pois, com a maior prudência e cautela, porque uma precipitação vossa, um passo dado em falso, seria a morte de todos nós. Porém, fio-me em voçês que já não são novatos nestas «operações» e que me têm dado provas de sobejo da perfeitão com que executam certos «trabalhos» menos perigosos, é certo, mas difíceis também. A propósito:— «envenenaram os punhais como eu lhes ordenei? A lâmina do meu, já foi embebida num novo veneno, inventado por mim e o seu poder é tão grande que basta fazer uma pequenina arranhadura na pessoa que desejarmos matar, para que caia morta imediatamente:

— «Sim, chefe, os punhais já foram todos envenenados, estão prontos para a função... Esteja descansado, portanto.

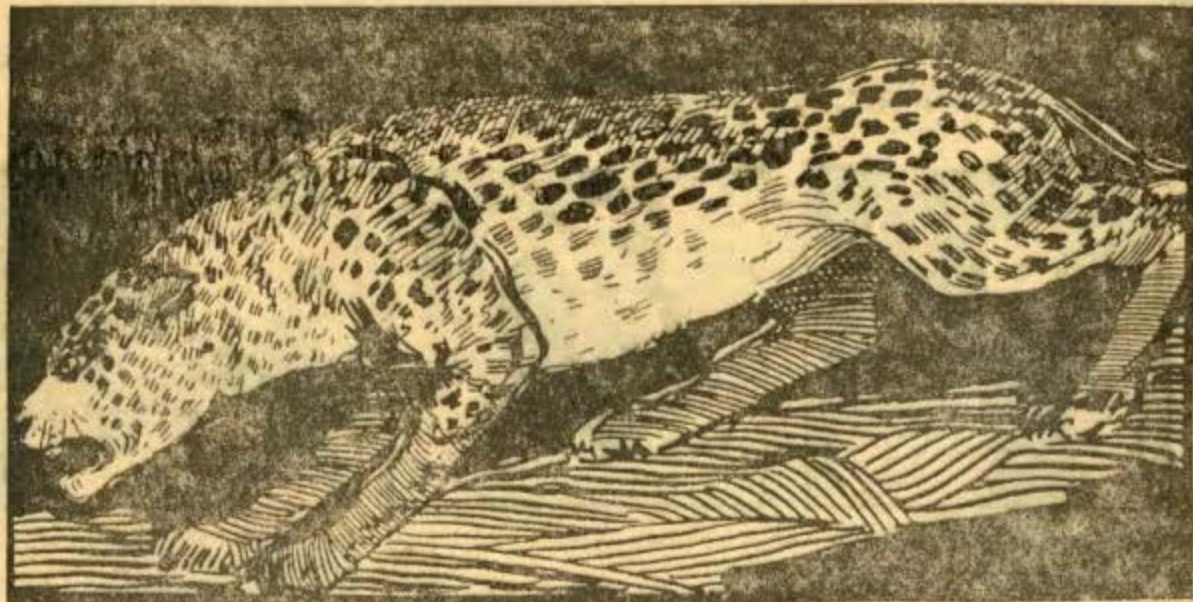
Não terá que se arrepende de confiança que em nós depositou. Seguiremos, à risca, os seus conselhos e tudo correrá bem. Nunca falhamos nem um golpe, porque razão havíamos de falhar êste, se está tudo tão bem preparado?

O soldado que fica esta noite de sentinela ao palácio é o «Malhado» nosso cúmplice. Como sabeis já foi avisado e será êle quem nos guiará aos aposentos do Rei. O resto ficará por nossa conta...»

E os quinze facinoras, brandindo os punhais, saltaram uma gargalhada sinistra, no que foram acompanhados pelo anão.

Ouvindo aquelas palavras, «Farrusco» estremeceu de horror. Não restava a menor dúvida; iam assaltar o palácio, e matar o Rei. Ah! mas êle, «Farrusco», não deixaria que se cometesse semelhante crime. Havia de salvar o soberano, custasse o que custasse. Não sabia bem como, pois não podia sair dali sem ser visto e se o descobrissem... Angustiado, continuou a espreitar os bandidos, escutando ansiosamente o que diziam mais.

CONTINÚA NO PRÓXIMO NÚMERO



MEUS MENINOS:

Vejam se descobrem o caçador de feras que se dispõe a matar este leopardo.

Diabruras de «Pim», «Pam» e «Pum»

Por LUÍS AL-
CIDE NUNES

O «Pim» a «Pam» e o «Pum»
— Que os meninos já conhecem —
Planos fazem: mil e um,
De partidas que entontecem.

Passam horas em estudo,
Sentados sobre um baú.
Dissecando um surdo mudo,
Com coelhos e um peru.



Ao fim de um mês de trabalho,
Sem comer, beber, dormir,
Diz o «Pim»: — «Já nada valho!...
Desisto, e... vou-me despir!...»

Logo a «Pam», também começa
Com esta declaração:
— «De pensar tenho a cabeça
Inchada como um balão!»



Só o «Pum», muito inflamado,
Grita com grande alegria:
— «Já cá tenho o X malvado
Que tanto nos afligia!...»

E agora venham comigo,
Lá abaixo à Avenida;
Pois não tarda o pé dum figo
Que se comece a partida.



Param junto ao monumento,
Nisto, passa um «taxi».
Grita o «Pum»: — «Pare um momento!...
Está livre?... Espere aí!...»

A seguir vem outro carro
E outros mais, com um letreiro,
Que dizia: «Livre». — «E' barro!...»
(Diz o «Pum» com ar bréjeiro...)



— «Parem!... Parem!... Por favor!»
Berra «Pum» aos condutores.
E logo se ouve um rumor:
— «Queiram subir, meus senhores!...»

Em torno de «Pim», «Pam», «Pum»,
Já estavam — que delícia!... —
Automóveis, cento e um
E mil praças da polícia!...



Mestre «Pum», em alta voz,
Preguntou aos dos «palhinhas»
— «Estais livres todos vós
E os carros das bandeirinhas?»...

— «Sim senhor!...» O' meu freguez!...
— Lhe responde toda a malta. —
— «Todos livres — como vós —
(Dinheirinho é que nos falta!...)



Então «Pum», com muita graça,
Da ideia segue o curso,
Executando a chalaça
Pelo seguinte discurso:

— «Visto que livres estais,
«Em nome da Liberdade
«Que na estátua contemplais
«Segui todos à vontade!...»



Como nem sempre ha bons fados
E a muita graça faz mal,
«Pim», «Pam», «Pum» foram levados
Ao pósto policial!...



Mas' o chefe Luiz Tuna
Vendo não haver razão,
Nem mesmo ser oportuna
A exquisita prisão,

Enviou-os par' casa,
Onde o papá, co'a correia,
Lhes pôs o corpinho em brasa
Aplicando uma tareia!...